

OS BLOGUES COMO CENA BIOFICCIONAL NA FORMAÇÃO DA LITERATURA BAIANA CONTEMPORÂNEA

Livia Maria Natália de Souza Santos

Universidade Federal da Bahia

livia.natalia@ufba.br

RESUMO: O interesse deste artigo está na compreensão das representações de sujeito e subjetividade acionadas nas escritas criativas de jovens autores da literatura baiana contemporânea que fazem os seus textos circularem através de blogues na internet. Primeiramente, os poetas Sandro Ornellas e Ângela Vilma; o primeiro enquanto um marginal extemporâneo, articulado e informado pela cultura urbana e pela literatura marginal da década de 70 compondo-se, assim, como um narciso desencantado na cena contemporânea e a segunda na exploração da dimensão memorialística e perlaborativa de sua escrita. Depois, a contística de Marcus Vinícius que concorre na construção de um discurso da diferença através de uma poética dos afetos do corpo em suas várias demandas de representação. O nosso interesse de estudo se concentra na análise do ambiente de exposição destes textos, a saber, os blogues, pela imediatez da resposta crítica e aderência do texto a discursos suplementares do cotidiano.

Palavras-chave: literatura baiana contemporânea; subjetividade; blogues.

Arquivos virtuais e a cena da representação de si

O arquivo sempre é uma virtualidade, uma representação alegórica que constrói para si o valor de verdade. O seu cabal “enraizamento” no documento simula uma referencialidade que seria alcançada, num estado puro, pela análise de seu intérprete. Eis a primeira questão que o atravessa: a parcialidade de toda interpretação. A própria mecânica que forjou a sua construção e alimenta a sua permanência – por todos os jogos e rituais de guarda e acesso – requer a concentração de seu domínio sob o poder de um mediador autorizado, produtor não apenas de sua coerência e ordenamento, mas, principalmente controlador das interpretações possíveis. Desta forma, circula no arquivo uma demanda não-arquivável, ela deriva da postura limítrofe do arconte (DERRIDA, 2001) que, mais que um guardião do arquivo, produz para ele uma interioridade através de técnicas de seleção, organização e cerceamento do acesso, mas, ao mesmo tempo, a naturalização destes



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

procedimentos conduz a um apagamento de sua ação sobre o corpo do arquivo.

Num outro sentido, a virtualidade do arquivo é adensada pela sua capacidade de produzir uma prótese de memória. O gesto de conversão de seus elementos – ainda que sejam meros despojos de uma vida – em documentos com autoridade suficiente para engendrar uma narrativa, encena a organicidade de uma memória. Desta forma, o arquivo se comporta como uma reunião de biografemas (BARTHES, 1979): unidades mínimas, desfeitas de sentido intrínseco, mas que, no conjunto produzem uma sensação de unidade. Ou seja, o arquivo se regula a partir das regras de um texto outro, igualmente regido por procedimentos de condensação, coerência e simulação, a biografia.

Num recente texto intitulado *A auto/biografia como (Mal de) Arquivo (2010)*, Leonor Arfuch se propõe a discutir a dimensão biográfica deste. Articulando o seu texto, desde o título, com a emblemática conferência proferida por Jacques Derrida à ocasião da abertura do Museu Freud, em 1994, a pressuposição que atravessa o seu raciocínio é a da denúncia do poder teleológico do arquivo como fundador de um sentido e de uma origem. Derrida (2001), no momento em que explora a noção de *arkhê*, expõe o duplo corte que se impõe no arquivo: ao mesmo tempo em que estabelece o começo, a origem, traz, colado a isto, a superveniência do comando, do poder. Assim, ele amplia este poderio do arquivo, afirmando que, além de traçar uma teleologia, ele impõe uma força nomológica, ou seja, uma ordem com valor de lei que vigora, por exemplo, nos gestos de leitura e rituais de acesso.

Não há, na dimensão do arquivo, a submissão gregária ao passado de qualquer tempo; a temporalidade do arquivo é uma produção, um resultado da interpretação que a montagem, seleção e organização igualmente são. Pela sua demanda de abertura, ele sempre estará aberto ao porvir interpretativo, mas sua liberdade é vigiada, uma vez que a condição *sine qua non* para o estabelecimento do arquivo em qualquer suporte é a presença, atrás dele, da fala de um pai que o tutele, o proteja das mãos invasoras, do mau uso e, igualmente, dos maus intérpretes, um sujeito que ocupe um lugar de

autoridade, um arconte (DERRIDA, 2001). Esta figura será responsável pela mediação, permissão e restrição de acesso ao corpo do arquivado. Derrida afirma que a palavra arquivo, significa, a um tempo, começo e comando, sendo ele ali onde as coisas começam e onde se exerce sobre estas um comando.

Quando a discussão se refere a arquivos virtuais, ela se reveste de outra camada de complexidade na medida em que os textos disponibilizados em sites, blogues e outras mídias sociais trazem consigo questões muito particulares. Os ambientes virtuais têm como traços importantes as formas como o seu conteúdo são expostos, uma vez que a limitação da página de papel é superada pela tela, e, desta forma, ao material literário exposto acrescentam-se outros elementos como imagens (fotografias, desenhos, etc) que sintetizam as postagens (ou *posts* como são chamadas as escritas que são depositadas no espaço), elementos gráficos, fontes de computador com tamanhos e cores distintos, dentre outras interferências na interface digital que exploram as possibilidades estéticas da página e demonstram que estes espaços optam por uma dinâmica polifônica intensa.

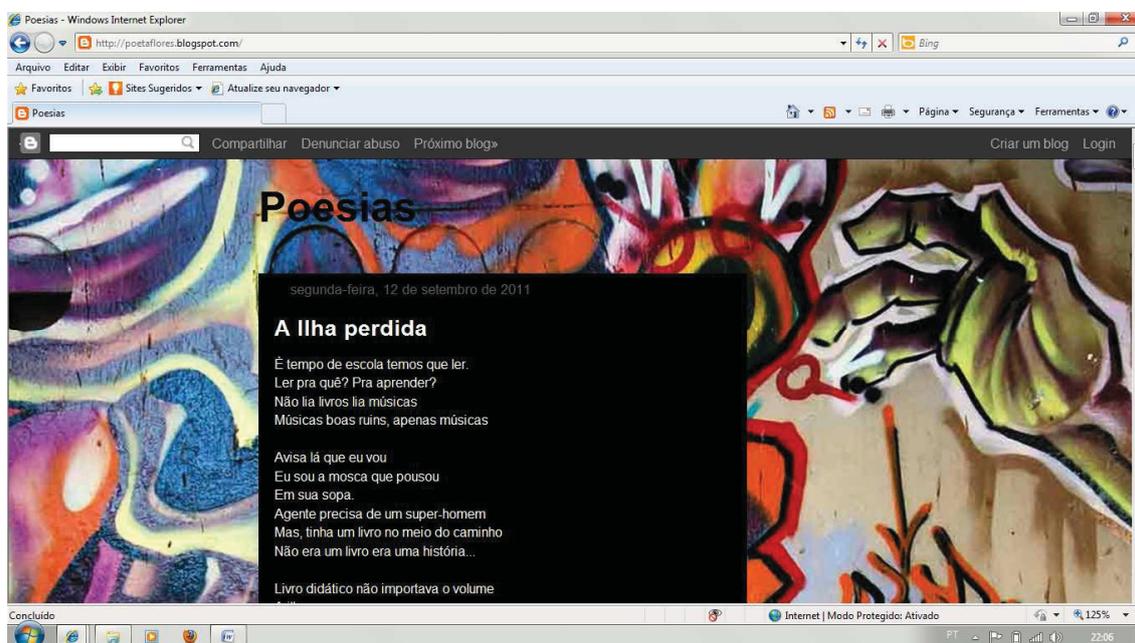


Figura 1: Template do blogue <http://poetaflores.blogspot.com/>

São construídas lógicas hipertextuais que ordenam o diálogo estabelecido com outros blogues ou sites, assim como se delimita um perfil discursivo egocentrado que nos direciona às marcas elementares do projeto criativo do escritor através da ordenação dos *posts* ou por *tags* que são, estas últimas, marcas de recorrência do mesmo assunto no espaço virtual.

A imaterialidade do suporte desperta questões políticas, por exemplo, no que tange à noção de propriedade intelectual sobre os textos expostos uma vez que empresas como o *blogger* e a *wordpress* muitas vezes estabelecem vínculos de co-propriedade sobre os conteúdos disponibilizados nas páginas às quais dão suporte; e questões logísticas, na medida em que um *bug* no sistema pode levar ao desaparecimento destes espaços virtuais. A cena em que nosso estudo imerge traz ainda outras questões como a dimensão incalculável de acesso que não necessariamente corresponde ao número de comentários registrados, assim como a criação de blogues especializados em análise crítica de outros blogues, formulando assim uma estrutura descentrada e múltipla.

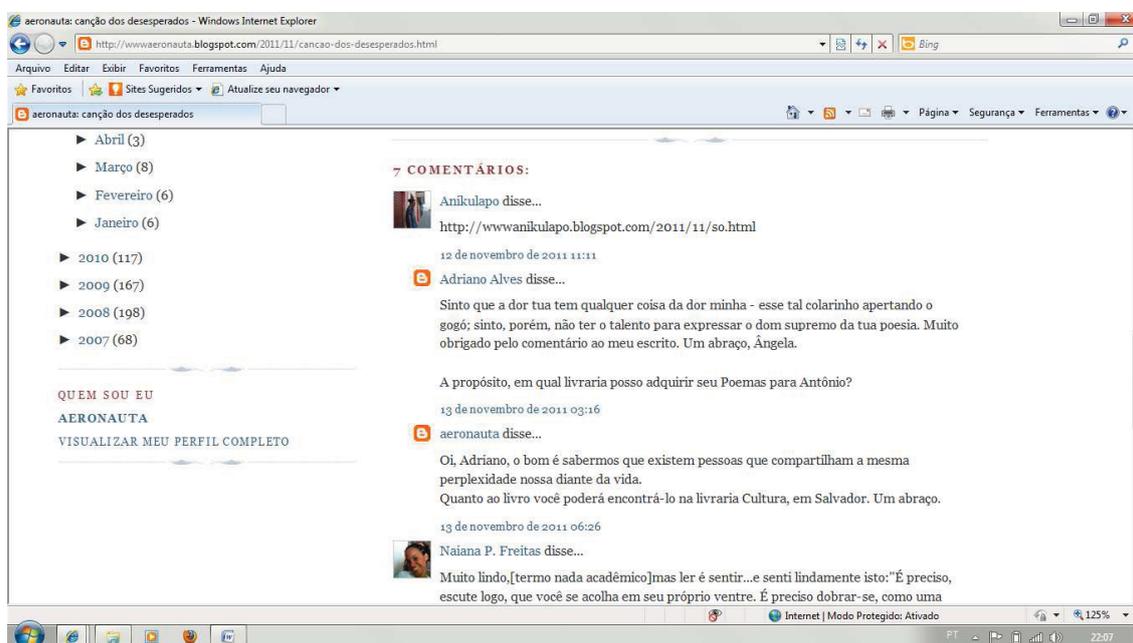


Figura 2: Seção de comentários do blogue www.aeronauta.blogspot.com

Os critérios estéticos são repensados uma vez que os elementos que compõem os textos se ampliam incluindo imagens, cores, desenhos, e até a

resposta do blogueiro aos comentários feitos a seus textos, o que produz uma horizontalidade da crítica, vez que não será mais apenas o especialista a fazê-la. Para além disto, figuram presença de marcas pessoais mais fortes, como as preferências de leituras; as fotos de infância, de lançamentos de livros; notícias que circularam da imprensa e que interessam ao escritor; links com sites de relacionamento como *Facebook*, *Twitter* e *Orkut* dentre outros que estimulam a reflexão de temas que se ensejam na dimensão autobiográfica, no sentido de compreender como estes espaços e representação suplementam a leitura dos textos.

Se o arquivista produz o arquivo, na medida em que ele é o próprio sujeito que tem seus materiais arquivados e disponibilizados inscreve-se, nestas sendas, a possibilidade de análise do gesto autobiográfico de escrita de si. Isto pode ser pensado a partir do que Michel Foucault chamou de processos de subjetivação. A noção de subjetividade vinculada à construção autobiográfica deve ser pensada com reservas, primordialmente no que diz respeito à compreensão da dimensão ficcional destes dois conceitos:

As categorias de sujeito, de autor, de indivíduo, etc., são afinitárias de um trabalho de disciplinação do corpo próprio, e nesse processo a escrituração da vida, mas também do corpo, todos os procedimentos de biografização são absolutamente decisivos. (FOUCAULT, 1992)

No seu texto intitulado *A escrita de si* (2004), Foucault empreende uma análise das “artes de si mesmo” definidas como uma estética da existência e o domínio de si e dos outros na cultura greco-romana. É nas cartas, mais que nas escritas íntimas que circulavam apenas entre mestre e discípulo, que o filósofo irá encontrar o espaço privilegiado de escrita de si uma vez que esta se dá com destino ao outro. Guardadas as devidas proporções, a idéia ainda se mostra válida para pensar os arquivos virtuais aqui analisados uma vez que:

Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se

oferecer ao seu olhar através do que é dito sobre si mesmo.
(FOUCAULT, 1992)

Para Joel Birman, o conjunto de conferências proferidas por Foucault nos Estados Unidos da América nos anos 80 do século XX sob o título de “Tecnologias de si” esclarece o projeto filosófico do pensador e, neste, a subjetividade e seus processos de construção ocupam o primeiro plano. A subjetividade seria um ponto de chegada de um sistema complexo, um devir, estando na encruzilhada entre distintas ordens discursivas: ético, estético, político, filosófico, religioso e científico. Estes entrecruzamentos, que se apresentam de maneira distintas, a depender do corte histórico que se empreenda, têm, na produção do sujeito, o endereço final de inúmeros processos de modelagem e remodelagem. Pensando então a subjetividade não como um ponto de partida ou como um dado ao qual se somam outros conjuntos de representação do sujeito, ou seja, investindo-se em um processo de desnaturalização chega-se à idéia de que esta representação subjetiva é uma produção retórica, social, cultural e ideológica, tão relativa e ficcional quanto qualquer outra e, seguindo na esteira dos movimentos de descentramento, percebe-se a necessidade de reavaliar as bases que sustentam a sociedade ocidental em seu egocentrismo.

Se pensarmos a subjetividade como este devir, fugindo à teleologia de si, que afirmaria um nascedouro dos traços que, juntos, compõem aquilo que se convencionou chamar eu, chegaremos à idéia de que as subjetividades não produzidas por tecnologias, estratégias inúmeras de produção de si mesmo, sendo, assim, o sujeito uma produção, um endereço final de um longo processo de modelagem e remodelagem que é sempre regulado pela história: Não existem sujeitos, existem formas de subjetivação (BIRMAN, 2000). Verticalizadas estas reflexões para a cena da construção de um arquivo pessoal, chegamos à idéia de que, na organização, seleção e montagem do material sempre haverá algum nível de intencionalidade discursiva, idéia que se reforça se nos recordamos que Foucault afirma que nenhum discurso é inocente. Quando estamos diante de arquivos montados pela própria figura que tem, ali, os seus textos de naturezas diversas ao mesmo tempo guardados e

expostos vemos, retomando algumas idéias de Foucault, que há ali campo aberto para os exercícios de técnicas de produção das subjetividades. A não-essencialização do sujeito aqui nos será muito útil no estudo das formas de subjetivação e de representação de si e de suas relações com o mundo no discurso lírico contemporâneo.

A subjetividade como deriva: escritas contemporâneas

Pensar isto que aqui convenciono chamar de derivas da subjetividade na escrita contemporânea significa, antes de tudo, delimitar a cena de emergência destas escritas e compreender todo universo que as envolve e propicia sua tessitura. Desta forma, os suportes, os diálogos e as propostas estéticas de narração de si se revelam como escolhas de representação muito concernentes com os mais contemporâneos caminhos de construção de discursos que aqui nomearei *bioficcionalis*. A provocação desta palavra que aqui não apenas invento, mas empenho vem de uma herança que está na idéia foucaultiana de “escrita de si” e quase ressoa numa fala do poeta Ruy Espinheira Filho, na qual ele afirma que a “memória é fabulosamente ficcionista”. O desejo aqui de ler os textos como biofissionais articula-se com a compreensão de que toda escrita é uma escrita do corpo, ela o atravessa, decodifica, reinventa, suplementa. Toda escrita é o rastro de uma potência, seja no melancólico “tudo aquilo que poderia ser, e não foi” de Bandeira ou na intensidade psicodélica das pistas de dança de Wally Salomão.

Esta questão se adensa quando compreendemos que o campo privilegiado por estes escritores é, não mais o livro, suporte tradicional e canônico de circulação de textos, mas o blogue, cuja estrutura dinâmica reforça a horizontalidade da divulgação da escrita por serem, em sua maioria, gratuitos. A própria negativa – ainda que inicial – de escrita no meio mais tradicional de publicização de textos que é o livro delimita mais um reconhecimento absolutamente pós-moderno das tecnologias como formas de construção de novos espaços de fruição artística, do que uma impossibilidade de publicação do texto impresso, uma vez que hoje os caminhos de edição e circulação de textos cá e lá oferecem importantes atalhos. E, ainda mais, o uso do espaço dos blogues

muitas vezes servem como ponto de partida para dar aos leitores conhecer os novos escritores e seus escritos construindo, assim, uma fidelização de visitantes que, depois, quando do lançamento do livro, poderão ocupar um outro lugar de público-leitor.

É neste novo contexto que se erguem as mais contemporâneas construções criativas de escritores e, na Bahia, isto não poderia ser diferente. Atuando como uma poderosa malha intertextual, a internet oportuniza a formação de círculos literários imateriais e mesas de discussão e análise que testemunham o nascimento de novos espaços para o exercício crítico, dilatando poderes e renovando os critérios estéticos convencionais.

Assim, na minha busca de delimitar a cena desta Literatura Baiana Contemporânea aponto, primeiramente, uma dilatação dos suportes de escrita e de leitura e, conseqüentemente, uma ampliação do número de sujeitos produtores de escrita criativa. Correndo o risco de esquecer alguns nomes, mas sem me acovardar diante do inevitável da escolha, cito aqui alguns dos escritores que fazem hoje a literatura da Bahia. Em tempo, declaro que a reflexão instaurada aqui buscará fugir da já tradicional questão que nasce tão logo se delimite um espaço ou traço distintivo de um determinado fazer literário. O que chamamos aqui de Literatura Baiana em nada se restringe à Bahia como espaço de nascimento ou, até mesmo, vivência. A Literatura Baiana como aqui nos interessa definir dá conta de uma dinâmica discursiva de circulação e estabelecimento de diálogos entre escritores que vivenciam, de alguma forma, a cena da escrita baiana, sendo, entre eles, uma marca em comum a escrita em suporte digital. São eles, os mais cults, que circulam entre um número mais limitado de leitores como Ana Cláudia Pantoja (<http://oflerte.blogspot.com>) e Alexandre Coutinho (<http://infinitascortinas.blogspot.com>) e os já publicados em livros, Gerana Damulakis (<http://leitoracritica.blogspot.com>), Eliana Mara Chiossi (<http://inscricoessempreabertas.blogspot.com>), José Inácio Vieira de Melo (<http://jivmcavaleirodefogo.blogspot.com>) e Mônica Menezes (<http://outrosestranhamentos.blogspot.com>). Destacam-se também os mais jovens, estudantes, que seguem a trilha e escrevem seus textos de cunho

ético/estético, como Uilians Souza (<http://uilianssouza.blogspot.com>) e Francisco Flores (<http://poetaflores.blogspot.com>).

Cada um dos aqui citados contribui para a formação deste diverso panorama de nossa literatura e, para a nossa discussão aqui, escolhi, por mais adensados interesses de pesquisa, os escritores Sandro Ornellas, Angela Wilma e Marcus Vinícius. Autor do premiado livro *Simulações* (1998) e do *Trabalhos do corpo e outros poemas físicos* (2007), Sandro Ornellas figura em antologias como *Concerto Lírico a quinze vozes* (2004), *Tanta Poesia* (2006) e migrou sua assinatura na blogosfera do já conhecido Simulador de Vôo (<http://simuladordevoos.blogspot.com>) para dar nome ao *Hierografias – Literatura e seus arredores* (<http://sandroornellas.wordpress.com>).

Autor do premiado livro *Simulações* (1998) e de *Trabalhos do corpo e outros poemas físicos* (2007), Sandro Ornellas figura em antologias como *Concerto Lírico a quinze vozes* (2004), *Tanta Poesia* (2006) e migrou sua assinatura na blogosfera¹ do já conhecido *Simulador de Vôo* para o *Hierografias – Literatura e seus arredores*. Sandro Santos Ornellas é professor Adjunto I da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Pós-doutor em Poesia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutor em Letras pela UFBA com a tese *Derivas do texto, derivas da vida. Corpo, escrita e cultura em Virgílio de Lemos, Waly Salomão e Al Berto*. Seus interesses de pesquisa circulam nas Literaturas Comparadas (Brasil-Portugal); nas discussões sobre literatura e identidade e, assim como Eucanaã Ferraz, nas poesias modernas e contemporâneas.

A lírica de Ornellas é marcada pela reinvenção do espaço erótico do sujeito poético. Seu tônus lírico é herdeiro do desamparo baudelairiano do poeta, agora não mais moderno, mas pós-moderno, diante de uma realidade subjetiva na qual os seus afetos não são o elemento coadunador da grande narrativa do mundo. No entanto, no lugar do choro lírico, vem a reação:

¹ Como é chamada a dimensão na qual circulam os textos de blogues.

preparo minha escrita
para um novo corte na carne do tempo
e tomo assento na suja escada reservada a ninguém.²

A escrita é o espaço da violência, é a cena de um sujeito lírico neurótico e desamparado, mas que usa esta sua potência desorganizadora do mundo para reescrevê-lo. A lírica converte-se em arma potente e capaz de inscrever-se indelével como traço por vir, no sentido mesmo derridiano de promessa em aberto, uma palavra empenhada (2003). Este corte em nada se parece com o olhar superlativo do sujeito poético que pode ser simbolizado por Murilo Mendes no conhecido texto *A idade do serrote* no qual as têmporas de Antonieta disseminam-se sobre todo o mundo, colocando o objeto de dedicação amorosa do sujeito lírico acima do mundo e para fora do tempo. O corte imposto por Ornellas é demarcado pelo sujeito lírico na carne do tempo e oferece a este último a noção muito importante de vulnerabilidade. O corte é uma nova ordem instaurada no tempo, não fora dele, como no poema de Murilo Mendes, é uma decisão de leitura que se inicia com a própria inscrição do eu-lírico no tempo, como uma rasura, uma pichação na parede limpa, um insulto.

A experiência do sujeito lírico – narcísico por excelência –, orientando-se no caos tóxico dos motores e dos humores do outro que, mesmo quando amado, representa um foco de ameaçador vigor, substitui, na escrita de Ornellas, a imagem já clássica da *personae* lírica como um melancólico. Sua verve lírica é alimentada por uma fúria de interpretação tão potente do mundo que até o sofrimento e a inadequação soam como chave de leitura, como no poema *Rua Oswaldo Cruz*³:

ainda ontem passeei entre automóveis
tossindo o mormaço dos motores
e dos cigarros dos salões de festas

deitei fora a fatalidade dos olhos
alimentados por notícias anônimas
e resolvi acender minhas luzes
para melhor ouvir o ruído dos vermes

² ORNELLAS, Sandro. Derivas. In: _____. *Trabalhos do corpo e outros poemas físicos*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2007.

³ Idem.

a vida sob as unhas deste mundo
sem estações de embarque

O eu-lírico pós-baudelaireano tosse (como quem ladra) pelas ruas poluídas (d)o ronco dos motores, mas, mesmo diante do inescapável, da constatação da condição miseranda do mundo, o eu-lírico não é ferido de morte; em lugar disso potencializa a sua leitura.

A rapidez, pensada por Ítalo Calvino (1990) como um dos traços possíveis da arte do presente milênio, usa as noções do salto, da desorientação e da indecidibilidade como novas fórmulas arquitetônicas da estética e da poética da arte agora já contemporânea. Nesta dinâmica, arrasta-se na escrita de Ornellas um excesso (de cenas, de palavras e de interpretações de si e das alteridades) que irá se coadunar com a noção do tóxico, dos ruídos e dos sujeitos atropelados pelo mundo cotidiano sem, no entanto, findar na inutilidade melancólica desta compreensão. Contaminado pela poética também excessiva de Wally Salomão – poeta elementar da literatura marginal brasileira – Ornellas fará das margens espaço privilegiado de observação e, neste movimento, tudo estará posto às releituras:

Já não há nada entre o alheio e o próprio
E as certezas foram varridas para fora do mundo
Sou amigo do caos

[...]

Pulo parapeitos para que venenos mordam meu corpo
Que a tudo se acopla
Sou amigo do caos e bebo fogo na taça do mundo⁴

Sua escrita consegue unir, numa cadeia intensamente criativa, rastros de suas leituras de Cecília Meireles e Clarice Lispector sem, no entanto, submeter a sua potência de escrita à mera filiação, propondo-se, seja pelo viés do humor por vezes quase macabro, pela reencenação lírica do amor romântico ou pelas constatações que revelam o óbvio desconcerto do mundo, a construir outros

⁴ Mundaneidade, idem.

paradigmas de leitura. Desde 2007, Ângela Vilma alimenta o seu blogue chamado *Aeronauta*; além dele, já teve livros publicados, sendo o mais recente o *Poemas para Antônio* (2010). Antes, participou de antologias e publicou *Beira-vida* (1990) e *Poemas escritos na pedra* (1994). Os textos de *Poemas para Antônio* carregam certo travo lírico que recupera as cantigas de amigo, na dor do amado sempre distante, na impossibilidade da concretização do afeto, adentra o sujeito lírico numa ciranda de projeções oníricas na qual o objeto de empenho amoroso sempre está aquém, além, em nenhum lugar.

Numa lógica suplementar ao Eros desentranhado apresentado na poética de Ornellas, encontramos aquilo que o escritor Marcus Vinícius chama de Eros Resoluto. Dono de uma escrita na qual os jogos de mostrar e esconder inviabilizam qualquer possibilidade de sublimação do objeto de desejo, o que querem tanto o eu lírico quanto as personagens de seus contos é vivenciar o gozo libidinoso do falo, sem mediações, no puro espinhoso do prazer que, em muitos momentos, virá entrecortado de dor.

O Eros representado na escrita de Marcus Vinícius (<http://cafemolotov.blogspot.com>) não negocia, não contemporiza, afinal, toda negociação com o desejo pressupõe a perda e a castração da substituição do objeto querido por outro que o valha. Na gangorra das pulsões, os sujeitos caminham num universo de riscos, como no premiado conto *A Omoplata*:

Na ordem absoluta havia apenas uma falha: a gaveta de talheres imperceptivelmente entreaberta. Um alarme estourou na sua cabeça [...] todas as cenas voltaram como um relâmpago. As conversas. Tudo em velocidade, até um momento se fixar. O sorriso do menino tilintando atrás de uma frase. – Quem te salva?

Num tom quase clariceano afirmo aqui que a escrita de Marcus Vinícius deposita uma dobra sobre a dobra. Falamos aqui de várias diferenças: da noção de escritores baianos, dos blogues, de escrita na pós-modernidade e a dobra que agora se apresenta é a daquilo que podemos chamar de *escrita homoafetiva*. Nela vemos, a partir de Foucault, os corpos dos afetos, ou seja, as

formas como os sujeitos são diferentemente afetados pelos seus percursos de construção de si em vários aspectos, em destaque o sexual, e como estes afetam o mundo, através de sua interpretação e leitura de sua diferença em travessia. O poeta e contista Marcus Vinícius Rodrigues, além de alimentar o blog *Café Molotov*, publicou os livros *Pequeno inventário de ausências* (2001), de poesia, *3 vestidos e meu corpo nu* (2009) e *Eros Resoluto* (2010), ambos de contos. Segundo ele, em seus textos há uma circularidade de recorrência de um tema. Em entrevista à revista *Muito*, ele afirma:

Sou obcecado pelo tema da ausência, a impotência diante do destino, o futuro que não acontece, o encontro frustrado. Gosto do porvir, da véspera, aquele segundo antes de tudo desmoronar ou de ser estendida a mão salvadora.

Esta sensação de desamparo e de entrega à possibilidade abrasadora do não se opõe, em muitos momentos de seu texto, a um corte irônico que, por seu turno, busca abrandar os vazios, como no poema *Vésperas*:

Meu amor não vem todos os dias
e vem de surpresa e atrasa,
mas vem perfumado o meu amor,
a melhor roupa bem alinhada.

Não sei quem alisa o linho que amasso,
quem lava e passa e engoma e guarda.
Não sei quem finge que não vê minhas marcas
no corpo que lembra minha paixão rasgada.

Os afetos do corpo que se representam aqui como clandestinos encontram na consciência da impossibilidade de estender a sua duração à eternidade, a intensidade da vivência da duração. Os poemas e contos sinalizam, em muitos momentos, que a quebra do momento do sublime prazer é vital para que este seja preservado enquanto tal, uma vez que a permanência ininterrupta até da alegria mais plena, do mais repleto momento de gozo pode converter-se num tal desconforto que se configura, também, como uma espécie de morte.

Numa outra direção, temos as representações do universo em desencanto nos escritos de Angela Vilma (<http://aeronauta.blogspot.com>). Seja pela impossibilidade de fazer perdurar a cena da memória, seja pela melancolia quase imobilizadora que atravessa o presente, um sentimento de desamparo invade os textos desta escritora de Andaraí, interior da Bahia, cenário de inúmeras de suas crônicas. No entanto, não podemos ser leitores demasiado apressados e compreender nesta escrita o simples retorno do choro lírico. Se há lágrimas na escrita de Ângela, há sempre a postos uma faca bem afiada, lâmina pura a cortar o mundo em gomos e, sem pudores, a instaurar nele a gramática interpretativa do Ego. Como se vê no texto *Comoção*:

Tenho verdadeira comoção pelo ser humano. Sua arrogância, seu apelo, sua solidão. Todos são doces, até aqueles que te ignoram ou te odeiam. Todos, em algum momento do dia, se curvam, flexíveis, diante da dor. E todos, inexplicavelmente todos, estão definitivamente perdidos.

Sua escrita consegue unir, numa cadeia intensamente criativa, rastros de suas leituras de Cecília Meireles e Clarice Lispector sem, no entanto, submeter a sua potência de escrita à mera filiação, propondo-se, seja pelo viés do humor por vezes quase macabro, pela reencenação lírica do amor romântico ou pelas constatações que revelam o óbvio desconcerto do mundo, a construir outros paradigmas de leitura. Desde 2007, Ângela Vilma alimenta o seu blogue chamado *Aeronauta*; além dele, já teve livros publicados, sendo o mais recente o *Poemas para Antônio* (2010). Antes, participou de antologias e publicou *Beira-vida* (1990) e *Poemas escritos na pedra* (1994). Os textos de *Poemas para Antônio* carregam um certo traço lírico que recupera as cantigas de amigo, na dor do amado sempre distante, na impossibilidade da concretização do afeto, adentra o sujeito lírico numa ciranda de projeções oníricas na qual o objeto de empenho amoroso sempre está aquém, além, em nenhum lugar:

Eu te amo, Antônio, e teu nome
Abre minha alma: nada se esconde.
Tu vês essa transparência e nela te dissolves.

Mais do que um livro de poemas de amor, *Antônio* constitui-se como uma elegia, um rito fúnebre, um enterro acompanhado das marchas lacrimosas e fúnebres, ele é a grande ode ao amor sublimado, e, para sempre, perdido. As representações do objeto amoroso inacessível são plurais, mas sempre aparecem numa repetição circular a negativa, fazendo ecoar o verso de Cecília:

Perguntarei por que motivo,
Tudo o que quis de mais vivo,
Por cima tinha escrito: não.

As representações dos amores impossíveis que atravessam como arquétipos do amor platônico a literatura e comparecem desde Eros e Psiquê, passando pelos *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*, de Neruda, até as canções do pop-rock da década de noventa, interpretadas por Cazuza, Legião Urbana e Paralamas do Sucesso, encontram, na poética de Ângela, frutífero campo de atualização, numa densidade lírica de um tal sofrimento, que estas referências soam como se fossem a ela posteriores:

Mas o que há mesmo de mais triste
É esse cheiro de rosas, no travesseiro,
Tua ausência dilatada em meus seios
E este poema, totalmente perdido.

O que endossa a escolha destes três escritores para nosso estudo se justifica pelo modo como eles atualizam os temas já recorrentes na escrita lírica para as demandas contemporâneas que assombram o sujeito. Assim, tomamos como ponto relevante de análise não apenas a escrita como também o próprio espaço de exposição desta escrita – no caso os blogs e sites pessoais – como uma formação de uma leitura suplementar destes escritores. Alie-se a isso o fato de que alguns deles têm orkut, facebook e outras páginas de relacionamento, a noção de arquivo, memória e construção de legado podem ser repensadas, assim como a interação com a crítica não especializada, os seus alunos, colegas de contextos extra-acadêmicos e outros internautas podem nos oferecer um interessante panorama da recepção dos textos crítico-

criativos bem como entender em que medida a sala de aula se emancipa do espaço analógico – físico – para o virtual.

Referências Eletrônicas

- <http://oflerte.blogspot.com>. Acesso em: 28 de Outubro de 2011
- <http://jivmcavaleirodefogo.blogspot.com>. Acesso em: 28 de Outubro de 2011
- <http://estranhamentos.zip.net>. Acesso em: 21 de Outubro de 2011
- <http://poetaflores.blogspot.com>. Acesso em: 28 de Outubro de 2011
- <http://simuladordevoo.blogspot.com/>. Acesso em: 28 de Outubro de 2011
- <http://sandroornellas.wordpress.com>. Acesso em: 22 de Outubro de 2011
- <http://www.cafemolotov.blogspot.com/>. Acesso em: 22 de Outubro de 2011
- <http://wwwaeronauta.blogspot.com>. Acesso em: 20 de Outubro de 2011
- <http://www.aucanaaferraz.com.br>. Acesso em: 20 de Outubro de 2011

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não-lugares. In: _____. *Não-lugares; Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papirus, 1994.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Trad. António Goançalves. Lisboa: Edições 70, p. 197-ss.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. O flâneur. In: _____. *Um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BIRMAN, Joel. Desconstrução da filosofia do sujeito. In: _____. *Entre o cuidado e o saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Trad.: Ivo Cardoso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, desiguais, desconectados. Mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

DERRIDA, Jacques. Circonfissão. In: BENNIGTON, Geoffrey. *Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 11-218.

_____. *Gêneses: genealogias, gêneros e o gênio*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____. *Paixões: ensaio sobre o nome*. Campinas: Papirus, 1995.

ELIOT, T. S. A tradição e o talento individual. In: JUNQUEIRA, Ivan (Org.). *Ensaíos*. São Paulo: Art Editora, 1989.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Ética, sexualidade e política*. Trad. Elisa Monteiro e Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Cascai e Edmundo Cordeiro. São Paulo: Passagens, 1992. (Col.Veja)

FREUD, Sigmund. *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 1990.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo; história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUYSSSEN, Andréas. Mapeando o pós-moderno. In: HOLANDA, Heloisa B. (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 49-ss.
LEJEUNE, Philippe. *O pacto (auto)biográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Gerheim. Belo Horizonte: EDUFMA, 2008.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PIGLIA, Ricardo. Ficção e teoria: o escritor enquanto crítico. *TRAVESSIA33 - Revista de Literatura*, Florianópolis, Editora da UFSC, n.1, p. 47-59, 1980.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. São Paulo: Pontes, 2003.